



O Homem, Seus Desejos, Seus Fragmentos E O Espelho:

Breves Reflexões Sobre A Materialidade Dos Meios ¹

Maria Da Graça Lehmkuhl Trindade Taguti

Mestranda da Universidade Estadual do Rio de Janeiro ²

Resumo: Estamos diante de um novo homem. Alguém que em seu cotidiano, rodeado por diversas interfaces, age transformando o ambiente tecnológico no qual se insere, enquanto é transformado por ele. Trata-se de uma via de mão dupla, na qual nossas maneiras de ver, sentir, relacionar e sensibilizar estão se alterando a cada momento, pelo acesso e imersão nas novas tecnologias. É tempo de destacarmos o discurso da materialidade dos meios. O homem hoje se flagra diante de um espelho. Que pode ser a interface de um micro, a metáfora da própria consciência, ou, quem sabe, a própria crise da interioridade. Ao mergulhar no espelho, seus braços, desejos e possibilidades parecem multiplicar-se. Como um personagem mutante de um filme da modernidade. Ou como um poderoso e erotizado avatar do nosso século.

Palavras-chave: Novas tecnologias; materialidade dos meios; gênero; mudança

¹Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e Comunicação.

² Formada em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Hoje leciona na Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá – habilitação: Publicidade e Propaganda. Email: graca.t@uol.com.br



Imagens fragmentárias

“...*Eu não dei por esta mudança
tão simples, tão certa
Tão fácil:
-Em que espelho ficou perdida
a minha face?* “

Cecilia Meireles

Fragmentações. Imaginemos nosso rosto, cuja feição na atualidade se assemelhasse aos vitrais de uma catedral gótica. Continentes e conteúdos, frequentemente sombrios e por vezes inusitados. Narizes, bocas, olhos, sobrancelhas, registrando em minúsculos detalhes, inescapáveis ao escrutínio de atentos fisiognomonistas, a história sensorial, desejante e sentimental que nos compõe. Imprimindo em nossa pele, músculos e tendões, esgares. Expressões únicas e inimitáveis.

Levemos mais adiante nossas ilações, referenciando-as com imagens bastante oportunas sugeridas por Steven Johnson, em sua obra *Cultura da Interface*, no capítulo em que discorre sobre o desktop – e o modo de distribuição espacial de elementos na superfície da tela do computador.

Diz ele: “Numa era da informação, as metáforas que usamos para compreender nossos zeros e uns são tão centrais, tão significativas, quanto as catedrais da idade média. (...) Agora giramos em torno de um texto mais prosaico: o desktop de um computador.” (2001, p. 38)

Prosseguiremos flanando por este ensaio, secundados por analogias, próprias da contemporaneidade. Dedos, cliques, teclado, mouse e indagações...

Uma dúvida: nossa face poderá atender hoje pelo nome de interface? – já que a primeira se flagra enredada na sutil e deleuziana sociedade de controle, que nos *abraça* e vincula a todos? Ela, a face, o rosto, quase estranho, aliás, para aquele que o possui. Sendo que ambos só se percebem existindo, *pessoa+ persona*, quando abonados e reconhecidos pelo olhar do “outro”. Um inequívoco jogo de espelhos, mutuamente consentido ou não,



extensivo às habituais *máscaras* - de que “o outro” costuma se revestir: cultura, sociedade e as instituições .

Experimentamos novamente os ecos da fragmentação. Uma crise da interioridade, como aponta Paula Sibília em seu artigo *do homem psico-lógico ao homem tecnológico*:

Fatores como a visibilidade, as aparências, os sinais externos, as formas e as marcas corporais modelam, cada vez com mais força, a definição da identidade dos sujeitos – ofuscando paulatinamente aquele espaço “interno” alojado nas profundezas da alma humana. (...) Assim, na atualidade, percebe-se um deslocamento daquele lócus outrora privilegiado de experimentação da vida subjetiva (a interioridade), bem como a emergência de modos de subjetivação mais afinados com o mundo contemporâneo e com a sua ênfase na eficácia tecno-lógica: subjetividades cada vez mais ancoradas na visibilidade e na exterioridade do corpo, na leveza da imagem, na superfície do que se vê, na espetacularização do eu com recursos performáticos e no imediatismo das sensações. (Semiosfera ano 3, nº 7)

O Espelho mágico: o que somos?

E o que poderemos ser, ao mesmo tempo?

Derivada do latim *Speculum*, a palavra espelho traduz "especulação".

Inicialmente, o termo referia-se às estrelas vislumbradas através do "espelho." E o que ele refletiria? A verdade, a sinceridade e o conteúdo do coração e da consciência.

No panteão indo-budista, o deus Yama, senhor do reino dos mortos, julgaria as almas por meio de seu espelho do Karma, pois não haveria como esconder nada do reflexo deste objeto. Segundo as lendas contadas nos livros druidas, os espelhos mágicos seriam símbolos lunares e femininos, ícones da realeza, e significariam a união conjugal; enquanto o espelho partido indicaria separação. Indo mais além, o Arquidruída Selgen afirmaria : “ o reflexo do homem não lhe é dado apenas pelo bronze polido ou pela água adormecida: o homem se utiliza do bronze como espelho. O homem se utiliza da antiguidade como espelho. O homem utiliza o próprio homem como espelho."

<<http://www.casadobrujo.com.br/textos/espelho3.htm>> Acesso em 30 maio 2007.

As "escolas druidas" reportavam-se ao *espelho de grau*, no qual o aprendiz percebia o seu reflexo e a revelação de sua forma física. Caso o reflexo fosse claro e nítido o suficiente, o aprendiz passava, então, ao espelho de bronze, equivalente ao grau dois – em sua busca de elevação espiritual. Muitas vezes, ao se olhar nele, o aluno via o reflexo de sua alma. E se apavorava com a essência percebida em seu interior que expressava o *horrendo*. Assim, o aprendiz se empenhava até que o reflexo da alma exibisse total transparência, e este era o espelho de água. No grau três, chamado de *crystal*, o iniciado esforçava-se por não provocar qualquer reflexo no espelho. (Ibid).

Atendo-nos à contemporaneidade, deparamo-nos com o indivíduo - interfaciado – digital, quase incorpóreo, que mergulha e nada, *livre-leve-e-solto*, na virtualidade promissora de tudo ou quase tudo poder ser, neste mar de horizontes aparentemente ilimitados e ubíquos que o cercam.

O homem-camaleão

camaleão 1. [Var. de camaleão, com assimilação.] S. m. 1. Zool. Reptil lacertílio, camaleontídeo, especialmente os do gênero *Chamaleo*, da Europa meridional e de certas regiões africanas e asiáticas, arborícola e dotado da faculdade de mudar de cor. Tem cauda preênsil, dedos opostos, língua prostrátil, capaz de ser projetada a grande distância. 2. Bras. Zool. Designação comum dos reptis lacertílios; iguanídeos, com cerca de 30 representantes, a maioria dos quais tem uma prega mento-faríngea capaz de se encher de vento, crista serrilhada no dorso, língua curta, grossa e não prostrátil; são também arborícolas e também mudam de cor. A espécie mais conhecida no N. e N.E. é a Iguana 3. Fig. Indivíduo que assume o caráter conveniente aos seus interesses. 4. Indivíduo que adapta sua opinião ao interesse do momento. (HOLLAND,; 2000).

As definições acima enumeradas permitem-nos comparar duas propostas presentes neste texto. Traçaremos um paralelo entre o *Homem-Gerundivo*, transitório, metamorfofóico, multissegmentado e submetido às nevrálgias da atualidade – o *Homem-Alado* do ciberespaço, já brevemente delineado neste artigo; e um personagem emblemático, "Zelig", retirado da cinematografia mundial, protagonizado por Woody Allen, e que transformou literalmente na representação do *Homem-Gerundivo*.

Referimo-nos a um de seus instigantes filmes, veiculado em 1983. "Zelig", o *Homem-Camaleão*, um indivíduo capaz de alternar sua personalidade e sua aparência conforme a situação em que se encontra e com o objetivo de agradar os circunstantes. Segundo o diagnóstico da dra. Eudora Fletcher (Mia Farrow), trata-se de um caso muito especial de alguém com múltiplas personalidades. O argumento deste filme, porém, ultrapassa o mero conceito de personalidades múltiplas. Tanto que o personagem de Allen transforma-se sem a menor dificuldade em um chinês, em um negro ou mesmo numa pessoa obesa, enquanto expressa as características culturais dos tipos que interpreta.

Importa aqui refletir sobre o caso de Leonard Zelig, esse homem-camaleão. Será ele um subproduto de uma sociedade excitada (o filme se passa em 1920, na ebulição do *American Way of Life*) e, conseqüentemente, em mutação? Ou a anomalia de Zelig reforçará caricaturalmente os sintomas de uma das doenças próprias da era moderna, na qual as pessoas precisavam correr no seu dia-a-dia para dar cabo de suas rotineiras vidas; necessitando ainda se adaptar a todo instante a novos ambientes, fatos e relacionamentos? O que há de Zelig e seus perfis caleidoscópicos em cada um de nós? 3

Um personagem, aliás, cujas *mutações* em sua compleição física e de gênero, terminam por nos remeter a *Orlando*, um romance escrito por Virginia Woolf e publicado em 1928. Orlando, um jovem inglês oriundo da Inglaterra da Idade Moderna, durante uma estada na Índia, um dia, inexplicavelmente, acorda *mulher*. A personagem é dotada de imortalidade e o livro acompanha Orlando por seus 350 anos de vida.

Na verdade, parece que existe algo de quixotesco em "Orlando", trabalhando as ambigüidades da identidade feminina e masculina e suas relações com a condição humana. No entanto, Woolf trata a situação com incrível cuidado e simplicidade. A transformação da personagem em mulher é vista como um acontecimento cotidiano, bem como seus amores e casos.⁴

3 MACHADO, João Luis. *Zelig, o homem camaleão*. Disponível em
::<<http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=105>>

4 Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orlando_-_Uma_Biografia>



Os excessos do corpo

David Le Breton, em *Adieu Le Corps*, frisa que na atualidade o corpo é pensado como uma matéria indiferente, simples suporte da pessoa. Uma matéria-prima na qual se dilui a própria identidade e não mais “uma raiz da identidade do homem”.

Mais à frente, o escritor afirma que “O corpo encarna a parte ruim, o rascunho a ser corrigido” (1999, p.15-16).

Afinal, nosso corpo hoje seria um estorvo, uma insuportável carga a ser transportada ao longo da vida – como uma gigantesca e impiedosa pedra, carregada no dorso do pobre Sísifo, de acordo com o mito – ou um favorável *substrato*, um *condutor físico* para a consolidação dos avanços na tecnociência e para a experimentação, talvez, de novos caminhos eróticos?

Hoje, questões concernentes ao corpo e às materialidades dos meios aparecem como temas essenciais das ciências humanas – e vêm sendo estudados por pensadores desde Marshall McLuhan, até Hans Ulrich Gumbrecht, Csordas e Zielinski.

Por outro lado, a análise do escopo “material” de fenômenos, que se anunciam numa primeira abordagem como totalmente imateriais, compreendendo-se aí os afetos subjetivos e o imaginário cultural nas suas relações com as tecnologias da comunicação – também se torna emergente.

Embodiment: a retomada do corpo como primeira mídia

Vinícius Pereira e Erick Felinto em *A Vida dos Objetos: Um Diálogo com o Pensamento da Materialidade*, apresentado no X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste - INTERCOM, 2004, argumentam sobre a premência de se recuperar o corpo como objeto privilegiado no campo de comunicação, tanto por se constituir como mídia inaugural, “pela qual os processos de comunicação humana iniciam sua história, quanto pelas dinâmicas de acoplamentos e extensões que o corpo irá apresentar nas suas relações com as tecnologias de comunicação, transformando e sendo transformado por tais tecnologias.”



Mais adiante, Vinicius, em outro artigo esclarece o conceito de *embodiment* (proposto por estudiosos como Csordas (1994), Balsamo (1995), Blackman (2001) presente em temáticas diversas centradas no papel do corpo e suas dinâmicas fisiológicas na produção de certos tipos de emoções e de sentimentos.

Cita como exemplo de práticas o *body art* e *body modification*, além de intervenções cirúrgicas com finalidade estética e/ou trans-sexual, dinâmicas de estruturação do *self*, etc — que reivindicam um novo olhar sobre o corpo. E Vinicius continua:

Uma das idéias mais interessantes que o conceito de *embodiment* pode trazer é aquela que aposta que o corpo atua como mais um dos agentes que compõem o conjunto de práticas culturais e subjetivas — a partir de características somáticas, fisiológicas e funcionais as mais variadas — e não apenas, como um produto de tais práticas. Trata-se, assim, de pensar não somente que afetações somáticas podem estar em processo com o aparecimento de uma nova mídia, ou com um conjunto tecnológico novo — como o aparecimento de *corpos hiperestimulados*, com um novo modelo de atenção, sedentos por espetáculos e experiências sensoriais ricas em estímulos, tal como parece ter se dado com os habitantes das cidades modernas no início do século XX — mas, de pensar como todo um conjunto de códigos simbólicos é criado como linguagem específica de uma nova mídia, dentre outros fatores, a partir de determinações oriundas dos limites e das potências das características materiais e funcionais dessa mídia original, o corpo. 5

Consciência e Corpo: fantasias de expansão e fantasias de desmaterialização

Erick Felinto, em *A Religião das Máquinas*, desenvolve outras abordagens compreendendo alterações radicais da realidade e da subjetividade que as novas tecnologias promovem. Segundo o autor, essas mudanças possibilitam que a consciência se descole da realidade, inclusive a realidade do próprio corpo, ingressando em mundos alternativos e imateriais.

5 PEREIRA, Vinicius. Reflexões Sobre a Materialidade dos Meios: Embodiment, Afetividade e Sensorialidade Nas Dinâmicas de Comunicação das Novas Mídias. INTERCOM, 2005



Felinto acrescenta que relativamente ao corpo as imagens visam ao seu desaparecimento, seja através de sua virtualização, seja por meio de uma simbiose com a máquina – simbiose que, em última instância, também torna o corpo um elemento secundário. Para o autor, “O que importa, no fim das contas, é sempre a mente, a consciência, a informação.” Erick Felinto reitera que, conseqüentemente: “O corpo sai de cena, então, para dar lugar a fantasias que prometem, por um lado, uma expansão infinita dos poderes da consciência e, por outro lado, a possibilidade de (re)construir os próprios padrões de consciência na forma de identidades alternativas.”

Propondo uma metáfora, ele assinala que consciência passa a ser “uma substância maleável como um elástico que pode ser indefinidamente esticado, ou uma massa que pode ser remodelada quantas vezes se deseje.” (2005,p.65)

Polissexualidades: de um gênero a outro

ou o fácil trânsito dos desejos

Fragmentações. Narizes, bocas, olhos, sobrancelhas, línguas, suspiros, desejos à solta. Um internauta, uma tela e a possibilidade enorme de se metamorfosear na esfera do ciberespaço. Ser homem-e-mulher. Hetero-homo-e-bissexual. Passivo e ativo. Ou todos ao mesmo tempo. Para cada avatar, mil braços. Para cada internauta, duas mil chances de se multiplicar na interface. Prolongamentos sexuais modulares, articulando-se como jogos de dominó. Sujeitos e corpos hiperestimulados, mergulhados em contínuo frenesi somático, demandam por diferenciadas e especiais sensações no campo da sexualidade. Estímulos psíquicos, visuais, textuais, auditivos, multimidiáticos, enfim, atravessam a materialidade silenciosa das telas do computador, promovendo o surgimento de outros processos de subjetivação. Novas maneiras de sentir e de nos relacionarmos com o ambiente que nos circunda. Uma pergunta urge: quem somos e o que sentimos *online* e *offline*? Nossas afetividades e sensorialidades aguçadas nos eróticos games praticados com estranhos, individual ou coletivamente, vêm se acoplando à nossa gestualidade rotineira? Constatamos, por conseguinte, alterações graduais em nossa forma de ser e de agir no cotidiano? Outra provocação se apresenta: como as mídias afetam as



materialidades dos corpos e – na mão inversa – como as materialidades dos corpos influem nas características materiais e funcionais das tecnologias de comunicação? Temos inúmeras questões pela frente, que parecem ramificar-se e fragmentar-se a cada instante, subsumidas aos ditames das nevralgias deste século. Um século voraz e impaciente, que bate sem reservas – e sem pudor - na porta dos nossos cinco (ou já serão dez?) sentidos.

Referências Bibliográficas

FELINTO, Erick. *A Religião das Máquinas*. Rio de Janeiro: Sulina, 2005.

_____ e PEREIRA, Vinicius. *A Vida dos Objetos: Um Diálogo com o Pensamento da Materialidade*. X Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste - INTERCOM, 2004 .

LE BRETON, David. *L'Adieu au Corps*. Paris, Métailié Éditions, 1999.

JOHNSON, Steve. *Cultura da Interface*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

PEREIRA, Vinicius. Reflexões Sobre a Materialidade dos Meios: Embodiment, Afetividade e Sensorialidade Nas Dinâmicas de Comunicação das Novas Mídias. INTERCOM, 2005.

SIBILIA, Paula. *A crise da Interioridade: do Homem Psico-lógico ao Homem Tecnológico*. *Revista Semiosfera*, ano 3, nº 7. Rio de Janeiro.